



SEÇÃO: LIVRE

O encontro real de 1909 em Vila Viçosa: A cobertura iconográfica da Ilustração Portuguesa

The 1909 royal meeting in Vila Viçosa: The iconographic coverage in Ilustração Portuguesa

La reunión real de 1909 en Vila Viçosa: La cobertura iconográfica en Ilustração Portuguesa

Jorge Pedro Sousa¹

orcid.org/0000-0003-0814-6779
jpsousa@ufp.edu.pt

Celiana Azevedo²

orcid.org/0000-0002-1768-2525
celiana.azevedo@ese.ips.pt

Recebido: 15 mai. 2024.

Aprovado: 07 jun. 2024.

Publicado: 15 ago. 2024.

Resumo: Os Reis de Portugal, D. Manuel II, e de Espanha, D Alfonso XIII, reuniram-se em Vila Viçosa, entre 12 e 15 de fevereiro de 1909, num momento de crise da Monarquia Portuguesa, ameaçada pelos republicanos, e em que Espanha, pelo contrário, saía da crise finissecular. Esta pesquisa analisa a narrativa iconográfica – contando com o texto verbal correlativo – que a revista semanal ilustrada *Ilustração Portuguesa* construiu do encontro, por meio de uma análise quali-quantitativa do discurso, com os objetivos de determinar a sua estrutura temática, explicitar as propostas de geração de significado sugeridas para o acontecimento e entender o conceito de reportagem fotográfica existente ao tempo. Concluiu-se que a reportagem fotográfica apresenta traços atuais, como a exploração de peculiaridades visuais de interesse humano, e outros dados, como a dominância de planos gerais e de conjunto. Concluiu-se, também, que existe tensão entre o texto verbal, que, pontualmente, se refere à imaturidade de D. Manuel II, e a narrativa iconográfica, que produz uma impressão positiva sobre o encontro dos reis e sobre os soberanos, destacando-se a associação de D. Alfonso XIII a símbolos e atos próprios de um rei moderno, que poderia ser modelo para D. Manuel II.

Palavras-chave: encontro real de Vila Viçosa (1909); D. Manuel II; D. Alfonso XIII; *Ilustração Portuguesa*; cobertura fotojornalística.

Abstract: The Kings of Portugal, Manuel II, and Spain, Alfonso XIII, met in Vila Viçosa between February 12 and 15, 1909, at a time when the Portuguese Monarchy was in crisis, threatened by the Republicans, and when Spain, on the other hand, was emerging from its crisis of the end of the 19th century. This research analyzes the iconographic narrative - including the correlative verbal text - that the illustrated weekly magazine *Ilustração Portuguesa* constructed of the meeting, through a qualitative and quantitative analysis of the discourse, with the aims of determining its thematic structure, explaining the proposals for generating meaning suggested for the event and understanding the concept of photographic coverage that existed at the time. It was concluded that the photographic report presents current features, such as the exploration of visual peculiarities of human interest, and dated ones, such as the dominance of general and group shots. It was also concluded that there is tension between the verbal text, which occasionally refers to the immaturity of Manuel II, and the iconographic narrative, which produces a positive impression of the meeting of the sovereigns and highlighted the association of Alfonso XIII with symbols and acts typical of a modern king, who could be a model for Manuel II.

Keywords: royal meeting of Vila Viçosa (1909), D. Manuel II, D. Alfonso XIII, Portuguese *Ilustração Portuguesa*, photojournalistic coverage



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade Fernando Pessoa (UFP), Cidade do Porto, Portugal. ICNOVA (Instituto de Comunicação da NOVA), Lisboa, Portugal.

² Instituto Politécnico de Setúbal (IPS), Setúbal, Portugal. ICNOVA (Instituto de Comunicação da NOVA), Lisboa, Portugal.

Resumen: Los reyes de Portugal, Manuel II, y de España, Alfonso XIII, se reunieron en Vila Viçosa entre el 12 y el 15 de febrero de 1909, en un momento de crisis para la Monarquía portuguesa, amenazada por los republicanos, y cuando España, por su parte, salía de su crisis finisecular. Esta investigación analiza el relato iconográfico -incluyendo el correlativo texto verbal- que la revista ilustrada *Ilustração Portuguesa* construyó del encuentro, mediante un análisis cualitativo y cuantitativo del discurso, con los objetivos de determinar su estructura temática, explicar las propuestas de generación de sentido sugeridas para el acontecimiento y comprender el concepto de reportaje fotográfico existente en la época. Se concluyó que el reportaje fotográfico presenta rasgos actuales, como la exploración de peculiaridades visuales de interés humano, y otros fechados, como el predominio de planos generales y grupales. También se concluyó que existe una tensión entre el texto verbal, que en ocasiones hace referencia a la inmadurez del rey Manuel II, y la narración iconográfica, que produce una impresión positiva del encuentro de reyes y soberanos, destacando la asociación del rey Alfonso XIII con símbolos y actos propios de un rey moderno, que podría ser un modelo para el rey Manuel II.

Palabras clave: reunión real en Vila Viçosa (1909); Rey Manuel II; Rey Alfonso XIII; Ilustración Portuguesa; cobertura fotoperiodística.

Introdução

Os reis de Portugal e de Espanha encontraram-se em Vila Viçosa, entre 12 e 15 de fevereiro de 1909, num momento em que, após o regicídio de 1 de fevereiro de 1908³, a conjuntura era adversa para a Monarquia Portuguesa⁴ (MARQUES, 1973, 1995; RAMOS, 2001; SERRÃO, 2003; FERNANDES, 2008; RAMOS, SOUSA, MONTEIRO, 2009; NUNES, 2006, 2009, 2019a, 2019b; SARDICA, 2011, 2012), e a Espanha, por contraste, saía da crise finisecular e entrava num período de desenvolvimento e afirmação⁵ (NUNES, 2006, 2019a).

O regicídio de 1908 não promoveu, efetivamente, a simpatia pela família real portuguesa⁶, nomeadamente em Lisboa, onde o Partido Republicano Português era forte. Os próprios monárquicos encontravam-se desavindos (SARDICA, 2011). Existia uma "Monarquia sem monárquicos",

conforme terá exclamado o próprio D. Carlos (RAMOS, 2001; SARDICA, 2011).

Nesse contexto, em Portugal a Casa Real, sob o patrocínio da rainha-mãe, D. Amélia, empreendeu esforços para mudar as políticas de D. Carlos e propagandear o novo e inexperiente soberano, D. Manuel II, alcunhado "o Reizinho" (DUPRAT, 2012; ALMEIDA, 2022), distinguindo-o do seu pai, D. Carlos, alvo de um "assassinio de carácter" pela imprensa republicana (RAMOS, 2005). Encabeçadas pela *Ilustração Portuguesa*, dirigida pelo jornalista monárquico Carlos Malheiro Dias⁷, as revistas ilustradas participaram nesse esforço propagandístico (NUNES, 2009, 2019a).

Em resposta, a propaganda republicana intensificou-se. Rui Ramos (2001, p. 295) escreve:

Para justificar a sua raiva à Monarquia Portuguesa, o Partido Republicano Português tinha de argumentar que a Monarquia dos Braganças era especialmente má e que os reis de Portugal eram os piores da Europa.

A imprensa tinha, efetivamente, uma força enorme na sociedade portuguesa de então e, por consequência, foi um dos palcos do combate político (MATOS, 2017; SOUSA, 2020, 2021; MATOS, MOREIRA, 2021). Esse era, aliás, um tempo "de espaço público e opinião pública renovados e alargados, em que o *voyeurismo* da imprensa e a divulgação da fotografia emprestaram ao poder uma visibilidade nova", em que as figuras do Estado e da política eram mediatizadas e em que tinha emergido uma política de massas "radical e ruidosa", mesmo "truculenta", explorada por líderes de opinião que faziam da imprensa o seu palco (SARDICA, 2012, p. 345, p. 347; SANTOS, 2005).

O encontro entre D. Alfonso XIII e D. Manuel II, inicialmente envolto em secretismo, revestiu-se de carácter particular e não teve cerimónias

³ Assassinato do rei D. Carlos e do príncipe herdeiro D. Luís Filipe, em Lisboa.

⁴ A Carbonária, organização republicana secreta e violenta, por exemplo, envolvia-se em várias conspirações antimonárquicas e é provável que tenha sido cúmplice do assassinato do chefe de Estado, D. Carlos, e do herdeiro do trono, D. Luís Filipe, em 1908.

⁵ O diretor da *Ilustração Portuguesa* corrobora, como coevo, a afirmação (CARLOS MALHEIRO DIAS, "Alfonso XIII: um rei que sabe reinar, *Ilustração Portuguesa*, 22 de fevereiro e 1 e 8 de março de 1909, p. 233-245, 259-266, 297-299).

⁶ No carnaval de 1908, alguns dias após o regicídio, os republicanos da capital festejaram ruidosamente e fizeram romagens aos túmulos dos assassinos do rei e do príncipe herdeiro. Postais celebrando os assassinos circularam por toda a Lisboa.

⁷ Carlos Malheiro Dias (1875-1941) foi jornalista, escritor, político e historiador. Começou a sua carreira jornalística no Rio de Janeiro. Em Portugal, dirigiu a *Ilustração Portuguesa* e o *Domingo Ilustrado*. Colaborou noutras revistas, como a *Branco e Negro*, a *Brasil-Portugal* e a *Serões*. No Brasil, país ao qual regressou após a imposição da República Portuguesa, fundou e dirigiu a célebre revista *O Cruzeiro*.

públicas. O espaço escolhido – o palácio ducal de Vila Viçosa, propriedade da família real portuguesa – apontava para essa dimensão privada do encontro real, que decorreu poucos dias após o fim do período oficial de luto de um ano após o regicídio de 1 de fevereiro de 1908, mas já depois da visita do rei português ao Porto e ao norte de Portugal, em novembro de 1908, por ocasião do aniversário do monarca, o primeiro grande acontecimento público do curto reinado de D. Manuel II.

A intimidade simbólica que rodeou o encontro possibilitou à casa real portuguesa escusar-se a fornecer explicações sobre o mesmo, gerando especulação na imprensa⁸, apesar de o ministro dos Negócios Estrangeiros e o embaixador de Espanha em Lisboa terem participado no jantar do primeiro dia e de terem sido feitos comunicados aos jornais⁹.

O encontro entre os dois soberanos foi rodeado de fortes medidas de segurança. Forças militares e policiais de Lisboa reforçaram os contingentes locais. Depois do regicídio, as autoridades tinham consciência da necessidade de salvaguardar a integridade física dos monarcas. O dispositivo montado salvaguardava, por outro lado, intrusões indesejadas.

De acordo com a narrativa da *Ilustração Portuguesa*, entre Madrid e Mérida, o soberano espanhol viajou de comboio. Seguiu viagem, depois, ao volante do seu automóvel, acompanhado pelo marquês de Torrecilla e pelo general Rio, entrando em Portugal pela fronteira do Caia. Chegou ao palácio de Vila Viçosa ao final da manhã do dia 12 de fevereiro. Esperavam-no, entre outros dignitários, os condes de Sabugosa e de Figueiró e o marquês do Faial, que o conduziram à presença de D. Manuel II, da rainha-mãe, D. Amélia, e das

⁸ A 10 de novembro, no *Novidades*, escrevia-se que, embora D. Alfonso XIII tivesse manifestado vontade de visitar Portugal logo após o regicídio, o encontro dos dois soberanos ibéricos, em 1908, não teria sido possível quer porque D. Manuel II "não podia deslocar-se de Lisboa antes de visitar oficialmente o Porto e outras cidades do norte", quer porque o rei não queria "entrar no Paço de Vila Viçosa sem que um ano tivesse decorrido sobre o regicídio" (A entrevista de Vila Viçosa, *Novidades*, 10 de fevereiro de 1909, p. 1). O diário apresentou D. Alfonso XIII aos seus leitores da seguinte forma, subtilmente comparando-o à juventude e inexperiência de D. Manuel II: "viajou pela Europa, estabeleceu relações diretas com os homens mais notáveis de quase todos os países europeus, constituiu o seu lar (...), é duas vezes pai aos 23 anos, fez-se homem rapidamente" (*Novidades*, 10 de fevereiro de 1909, p. 1). O *Diário Ilustrado* enquadrava o encontro na diplomacia: "as visitas dos chefes de Estado entre si encontram-se hoje consagradas como um dos meios mais eficazes de estreitar os laços de amizade e estima entre os povos e até de tratar e servir os legítimos e peculiares interesses de uns e outros, sob muitos aspetos de vária ordem, que atualmente assumem as relações internacionais"; mas também se referia à "demonstração de afeto do rei de Espanha pelo chefe do nosso Estado e, portanto, pela Nação Portuguesa", constituindo a reunião oficiosa dos dois soberanos uma quebra da "atmosfera de frio" e "isolamento" que rodeara o trono e o país desde o regicídio, acontecimento somente aplaudido "por uma determinada facção (...), (...) minoria infima da população nacional" (El-rei de Espanha, *Diário Ilustrado*, 12 de fevereiro de 1909, p. 1). O *Jornal do Comércio* referia-se a uma visita particular, mas anunciada e desejada há muito *Jornal do Comércio*, 11 de fevereiro de 1909, p. 1). O *Século* colocava por hipótese que a visita tivesse por objeto o casamento de Manuel II e a celebração de um tratado de aliança, ainda que "nem a Espanha, na hora presente, tem inimigos externos a temer, nem que tivesse o nosso concurso poderia ser de apreciável utilidade. Por outro lado, também de pouco nos poderia valer o auxílio militar de Espanha". O medo, sempre presente, de uma intervenção espanhola nos destinos de Portugal foi, igualmente, exorcizado pelo *Século*: "A Espanha moderna não pensaria, decerto, em incorporar Portugal na sua nacionalidade, pela violência das suas armas". (Conjeturas e hipóteses, *O Século*, 12 de fevereiro de 1909, p. 1). A 15 de fevereiro, o mesmo diário exigia ao Governo que explicasse os "intuítos" da visita do monarca espanhol, até porque D. Alfonso XIII "expliou os motivos da respetiva visita" ao conselho de ministros espanhol, que "dedicou a sua atenção à evolução portuguesa" (*O Século*, 15 de fevereiro de 1909, p. 1). Na imprensa republicana, o tom era criticamente corrosivo e mesmo insultuoso para com a chefia do Estado e para com o jovem rei: "Afinal, já se sabe para que D. Manuel vai a Vila Viçosa passar uns dias. (...) S. M. vai passar uns dias a Vila Viçosa para ali ser lecionado em Direito Constitucional pelo rei de Espanha" (Vai aprender, *A Luta*, 11 de fevereiro de 1909, p. 1). Brito Camacho, também na *Luta*, escrevia que os reis eram somente "dois rapazotes, chefes de Estado na idade em que geralmente nem se é chefe de repartição", ainda que D. Alfonso XIII fosse "um nadinha mais velho (...), já casado, pai de dois filhos" (BRITO CAMACHO, Nem bom vento, nem bom casamento, *A Luta*, 12 de fevereiro de 1909, p. 1). A 13 de fevereiro, escrevia Camacho, no mesmo jornal: "Para a Monarquia espanhola, unitária e centralista, uma República em Portugal seria uma constante ameaça de perturbação interna. Assim devem as coisas ser entendidas em Espanha, com uma elite política cuja mentalidade é superior à nossa. Julgando-se autorizado a garantir a estabilidade do seu trono, é natural que D. Alfonso signifique a D. Manuel o receio de que esta estabilidade lha ameacem de Portugal, a continuar aqui a instabilidade política" (BRITO CAMACHO, O encontro de Vila Viçosa, *A Luta*, 13 de fevereiro de 1909, p. 1). O diário republicano *O Mundo* afirmava que ambos os "doentes" monarcas apresentavam "intolerante fanatismo" e que "nem a Monarquia espanhola pode valer à portuguesa, quando esta corra risco, nem esta, em idênticas circunstâncias, pode valer aquela" (Dois reis, *O Mundo*, 11 de fevereiro de 1909, p. 1). Escrevia, ainda, *O Mundo*, sobre os dois reis ibéricos: "nenhum parece ter condições de idoneidade para tratarem com acerto um problema internacional grave. São dois rapazes, com qualidades ainda indefinidas – dos rapazes da sua idade e defeito de viverem segregados das nações onde constitucionalmente reinam mas não governam. Não são nem bons nem maus", mesmo que D. Alfonso XIII estivesse rodeado "estadistas e patriotas", enquanto D. Manuel II estivesse rodeado de "patetas" (Vila Viçosa, *O Mundo*, 12 de fevereiro de 1909, p. 1). A *Vanguarda*, outro dos diários do republicanismo radical, escrevia sobre o encontro de Vila Viçosa: "É provável que a dinastia brigantina tenha envolvido a nação portuguesa em mais uma das suas aventuras perigosas" (Entrevista de Vila Viçosa, *A Vanguarda*, 12 de fevereiro de 1909, p. 1).

⁹ Escreve-se na *Ilustração Portuguesa* que, segundo as notas fornecidas pelo poder régio à imprensa, a visita de D. Alfonso XIII teria sido por objetivo debater o casamento de D. Manuel II com a princesa Beatriz de Saxe-Coburgo-Gotta. ("A entrevista em Vila Viçosa", *Ilustração Portuguesa*, 22 de fevereiro de 1909, p. 246)

autoridades, para a sessão de cumprimentos e boas-vindas. Depois do almoço, os soberanos conversaram na presença da rainha-mãe e passaram de automóvel por Estremoz, Alandroal e Borba. No jantar do primeiro dia estiveram presentes o ministro dos Negócios Estrangeiros português e o embaixador de Espanha em Portugal. Os dias 13 e 14 de fevereiro foram reservados para os dois soberanos conversarem, passearem e caçarem, tendo por cenário o palácio e os seus jardins e a vasta propriedade da Casa de Bragança. No dia 15, D. Alfonso XIII regressou a Espanha, de automóvel, tendo-se detido em Vila Boim e em Elvas, onde foi recebido e aplaudido pelas autoridades e pela população.

Fazendo um balanço das repercussões do encontro real de Vila Viçosa, o penúltimo em que dois soberanos ibéricos se reuniram¹⁰, a historiadora Teresa Nunes (2006) sustenta que a visita de D. Alfonso XIII a Vila Viçosa, contestada pelos republicanos, poderá ter tido efeitos adversos para a Monarquia Portuguesa, a caminho do seu fim:

Apesar de ter concorrido para um reforço das relações entre ambos os monarcas, não restam dúvidas de que o esforço de Alfonso XIII não foi determinante para o reforço da figura de D. Manuel II (...). Ao invés, seria mais um argumento utilizado pela oposição republicana de contestação e crítica às (...) opções da Monarquia Portuguesa (NUNES, 2006, p. 1079).

Em outro texto, a mesma historiadora, que estudou em profundidade o encontro real de Vila Viçosa, acrescenta que a visita de D. Alfonso XIII a D. Manuel II:

estimulou lógicas comparativas (...), particularmente presentes na mensagem republicana. A viagem de Alfonso XIII proporcionava um exercício comparativo entre os dois monarcas (...), assente em denominadores comuns, como a faixa etária ou a representação de estruturas políticas contrárias aos interesses dos povos. O paralelo entre reis (...) era revelador da mundividência republicana nacional sobre o contexto europeu geopolítico anterior à Grande Guerra. Por um lado, possibilitava a reabilitação do discurso cultivado durante o *Ultimatum* Britânico, de diferenciação entre

os interesses coletivos e as prioridades da dinastia brigantina, definindo os detentores da coroa como adversários da nação. Por último, a especificidade das monarquias ibéricas (...), associadas a monarcas jovens, desempenhava um papel fundamental na desconstrução das perspetivas tradicionais dos regimes monárquicos que, assentes nas noções de estabilidade e continuidade, eram inconciliáveis com a figura de D. Manuel II e instavam à proclamação da República (NUNES, 2019a, p. 108).

Tendo envolvido os chefes de Estado dos dois países ibéricos, sendo controverso e delimitável no tempo, o encontro real foi notável e notado, tornando-se notícia, conforme se comprova pela leitura da imprensa da época. Foi, portanto, percebido como um acontecimento, uma singularidade notória, na linha do raciocínio de autores como Adriano Duarte Rodrigues (1988) ou Adelmo Genro Filho (2012). Teve valor como notícia, pois, apresenta qualidades que levaram os jornalistas coevos a considerarem-no uma singularidade notável, com valor como notícia (GALTUNG, RUGE, 1965; WOLF, 1987; GOLDING, ELLIOTT, 1988; TRAQUINA, 2002), pois misturava a referência a pessoas hierarquicamente importantes no contexto ibérico com o potencial de personalização e centralização da cobertura jornalística nos reis, a proximidade, a atualidade, o interesse político e social e até a controvérsia, conforme se observa na imprensa do tempo¹¹.

Ao tempo, a imprensa tinha uma penetração assinalável na sociedade portuguesa, particularmente nos principais meios urbanos, pois o jornalismo de cariz industrial estava já consolidado em Portugal (LIMA, 2012, 2022; MATOS, 2017; SOUSA, 2021; MATOS, MOREIRA, 2022). Mas a revisão de literatura efetuada não detetou investigações específicas nem sobre a cobertura jornalística do encontro de Vila Viçosa, apesar de Nunes (2006, 2009, 2019a, 2019b) lhe dar algum destaque, nem sobre a cobertura iconográfica do encontro entre os dois soberanos ibéricos pela imprensa, lacuna que a presente investigação pretende suprir.

Ora, em 1909, o fotojornalismo estava já con-

¹⁰ D. Manuel II visitou Madrid e Toledo em novembro de 1909.

¹¹ Ver nota 8.

solidado como prática e como ofício (VIEIRA, 2009; SOUSA, 2000; 2017; 2020), graças a fotógrafos como, no caso português, Joshua Benoliel (VIEIRA, 2009)¹² e António Novais¹³, que cobriram, fotograficamente, o evento¹⁴. Também presente, o fotógrafo espanhol José L. Demaria López "Campúa"¹⁵ cobriu o encontro entre os soberanos ibéricos para a revista *Nuevo Mundo*¹⁶. É de realçar, aliás, que os fotógrafos puderam estar presentes no encontro real, vedado aos jornalistas profissionais da palavra. Não é inocente a presença dos fotógrafos. Ambas as casas reais confiariam no poder da fotografia e nos bons ofícios dos fotógrafos não só para darem do encontro e de ambos os soberanos uma perspetiva positiva como também para saciarem, visualmente, a curiosidade do público.

Uma análise da cobertura iconográfica da visita real de D. Alfonso XIII a D. Manuel II pela imprensa portuguesa teve de passar pelo estudo da revista *Ilustração Portuguesa*, a publicação informativa ilustrada que tinha mais tiragem e circulação¹⁷ e a única das revistas ilustradas portuguesas coevas¹⁸ com periodicidade semanal, palco fundamental da fotografia jornalística e documental à época (PROENÇA & MANIQUE, 1990; SERÉN,

2004; SOUSA, 2000; 2017; 2020). Foi essa revista a consagrar o fotojornalismo em Portugal. O contributo de Joshua Benoliel, primeiro foto-repórter português profissionalizado, foi fundamental para o êxito que obteve (VIEIRA, 2009).

Considerando a importância do fotojornalismo como fonte histórica (OLIVEIRA, 1997), a presente investigação partiu, assim, da seguinte questão inicial: qual foi a narrativa iconográfica – contando com o texto verbal correlacionado – que as revistas ilustradas escolhidas, de Portugal e de Espanha, construíram sobre o encontro real de Vila Viçosa? Teve, ainda, como segunda preocupação, responder à seguinte pergunta: observando-se as páginas da *Ilustração Portuguesa* dedicadas ao encontro real de Vila Viçosa, o que se pode inferir sobre o conceito de reportagem fotográfica existente ao tempo?

Sendo o objetivo geral da pesquisa delimitado pela resposta às perguntas de partida, foram objetivos específicos da investigação determinar a estrutura temática e fotográfica da narrativa sobre o encontro real de Vila Viçosa construída pela revista *Ilustração Portuguesa*, bem como explicitar as propostas de geração de significado sugeridas para o acontecimento, tendo em conta

¹² Joshua Benoliel (1873-1932) é considerado o primeiro fotojornalista profissional português e o pioneiro da fotorreportagem em Portugal. Trabalhou para várias publicações, mas distinguiu-se como colaborador do jornal *O Século* e da sua revista *Ilustração Portuguesa*, entre 1906 e 1918 e a partir de 1924, já como editor de Fotografia do jornal (chefe dos Serviços Fotográficos). Estima-se que tenha produzido cerca de 2600 reportagens fotográficas e 25 mil fotografias para a *Ilustração Portuguesa*. A sua primeira reportagem fotográfica terá sido publicada em *O Tiro Civil*, em 1898. (Vieira, 2009). Algumas das suas fotos encontram-se reunidas na obra *Arquivo Gráfico da Vida Portuguesa*, prefaciada pelo jornalista Rocha Martins (1933).

¹³ António Novais [Novaes] (1865-1940) foi fotógrafo oficial da casa real portuguesa, título que obteve do rei D. Carlos. Colaborou, como retratista e repórter fotográfico, com as revistas *Ilustração Portuguesa*, *Ocidente*, *Serões*, *Brasil-Portugal*, *Semana Ilustrada* e *Tiro & Sport* e com os diários *A Época* e *A Nação*.

¹⁴ A autoria das fotografias é referida nas revistas ilustradas.

¹⁵ José L. Demaria López "Campúa" (1870-1936) foi um dos pioneiros do fotojornalismo espanhol. Começou sua carreira em *Nuevo Mundo* e prosseguiu-a nas revistas ilustradas *La Esfera* e *Mundo Gráfico*. O fotógrafo especializou-se nas viagens do rei Alfonso XIII por toda a Espanha e também nas suas visitas a Paris, Berlim e Londres. Em 1909, acompanhou-o não só a Portugal mas também, entre outros lugares, à Andaluzia. A Guerra do Rif fez dele o fotógrafo mais prestigiado e popular da Espanha naquele mesmo ano, pelo que o rei o condecorou e o nomeou "fotógrafo da casa real". Seu filho Pepe "Campúa" foi um dos fotojornalistas mais importantes da Espanha desde a década de 1920 até sua morte, em 1975.

¹⁶ "Don Alfonso XIII y Don Manuel II en Villaviciosa", p.13, "Don Alfonso XIII en Villaviciosa" (p.19) y "Entrevista de los Reyes de España y Portugal en Villaviciosa" (p. 20-21), *Nuevo Mundo*, 18 de fevereiro de 1909.

¹⁷ No número de 13 de julho de 1908 (p. 41-51), a *Ilustração Portuguesa* publicou um texto no qual anunciava que a tiragem ascendia a 24400 exemplares. A sua sede encontrava-se em Lisboa e pertencia a um grupo jornalístico, o do diário *O Século*, que, embora independente e organizado industrialmente, tinha nascido com uma matriz ideológica republicana, que não renegava (SOUSA, 2017, 2021).

¹⁸ Ao tempo, três revistas ilustradas circulavam em Portugal: *O Ocidente: Revista Ilustrada de Portugal e Estrangeiro* (1878-1915); *Brasil-Portugal* (1899-1914) e *Ilustração Portuguesa* (1903-1923). A revista semanal *Ilustração Portuguesa* é, entre elas, a mais conhecida, pois consagrou o fotojornalismo em Portugal, graças ao contributo de Joshua Benoliel, o primeiro foto-repórter português profissionalizado. A sua sede encontrava-se em Lisboa e pertencia a um grupo jornalístico, o do diário *O Século*, que, embora independente e organizado industrialmente, tinha nascido com uma matriz ideológica republicana, que não renegava (SOUSA, 2017, 2021). A revista ilustrada de informação geral *Brasil-Portugal* foi fundada pelo político e militar Augusto de Castilho e optou, desde o início, pela fotografia como meio principal para a cobertura iconográfica da atualidade (SOUSA, 2017, 2021). Tinha periodicidade quinzenal. Já a revista *Ocidente*, a mais antiga das três, foi fundada pelo gravurista Caetano Alberto da Silva e associados. A data dos eventos de Vila Viçosa, era trimensal. Embora se distinguisse pela sua matriz cultural, a atualidade teve, nela, um espaço crescente, sendo notória a intensificação da cobertura gráfica da atualidade por meio fotografias, que foram substituindo as gravuras, após 1903, devido à concorrência da *Ilustração Portuguesa* (SOUSA, 2017, 2021).

a articulação entre a iconografia e o texto verbal.

Considerando, ainda, os valores-notícia (GALTUNG, RUGE, 1965; WOLF, 1987; GOLDING, ELLIOTT, 1988; TRAQUINA, 2002), os cânones dominantes de expressão fotojornalística à época e as limitações impostas pela tecnologia fotográfica do tempo (SOUSA, 2000; 2017; 2020), as circunstâncias e dinâmicas do encontro entre os dois soberanos ibéricos e o facto de que, aparentemente, apenas os fotógrafos António Novais, Joshua Benoliel e José L. Demaria López "Campúa" foram autorizados a cobrir fotograficamente o evento, colocaram-se as seguintes hipóteses:

H1: O discurso iconográfico e o discurso verbal da *Ilustração Portuguesa*, ainda que produzidos por diferentes autores, foram confluentes no processo de geração de sentido;

H2: A abordagem fotográfica foi descontraída, dada a natureza intimista do encontro real;

H3: A cobertura fotográfica centrou-se nas personagens-chave e, portanto, mais noticiáveis do acontecimento, os chefes de Estado, nomeadamente em D. Manuel II, sem descuidar, no entanto, as restantes individualidades presentes, que acrescentavam importância simbólica aos eventos e os oficializavam, e o desenvolvimento do acontecimento.

Para se alcançarem os objetivos e testarem as hipóteses, fez-se um exercício hermenêutico

sobre o discurso da *Ilustração Portuguesa* sobre o encontro real, a partir da descrição sistemática dos seus elementos visuais, considerando também, contextualmente, os elementos verbais, e da quantificação do seu conteúdo fotográfico em categorias estabelecidas de acordo com o tema e o tipo de fotografia (análise de conteúdo), conforme os procedimentos propostos por Wimmer e Dominick (1996).

Resultados e discussão

O diretor da *Ilustração Portuguesa*, Carlos Malheiro Dias, preparou, antecipadamente, a cobertura do encontro de fevereiro de 1909 dos reis de Portugal e de Espanha, em Vila Viçosa. Deslocou-se, propositadamente, a Madrid, de automóvel, uma jornada que lhe levou 28 horas (ainda que somente 14 de locomoção efetiva), para entrevistar D. Alfonso XIII. Assim, quando a revista se referiu à visita real, na capa e no miolo da edição de 22 de fevereiro de 1909 (n.º 157), inseriu, igualmente, a título contextual e de orientação da construção de significado, a primeira parte de uma reportagem biográfica sobre D. Alfonso XIII, com elementos de entrevista¹⁹, elaborada por Malheiro Dias, com o sugestivo e elogioso título "Afonso XIII de Espanha – Um rei que sabe reinar"²⁰. A peça foi dividida por três números sucessivos, continuando no número de 1 de março (n.º 158) e terminando no número de 8 de março de 1909 (n.º 159). Curiosamente, algumas das fotos alusivas ao encontro real de

¹⁹ À época, a entrevista implicava, normalmente, uma vasta contextualização por parte do redator, que muitas vezes registava as suas impressões sobre o ambiente, a deslocação até ao lugar, as pessoas com que se ia cruzando, entre outros pormenores, como faz Carlos Malheiro Dias (CARLOS MALHEIRO DIAS, "Afonso XIII: um rei que sabe reinar, *Ilustração Portuguesa*, 22 de fevereiro e 1 e 8 de março de 1909, pp. 233-245, 259-266, 297-299).

²⁰ Não fazendo parte da cobertura da visita real propriamente dita, a peça não foi analisada e é apenas referida contextualmente, ainda que nela se rejeite a ideia de que o rei espanhol queria intervir "clandestinamente" em Portugal "como um Dâmocles de espada suspensa sobre o nosso problema político". A peça contextual sobre D. Alfonso XIII pode, no entanto, ser, igualmente, lida como uma advertência de um jornalista monárquico preocupado com a sobrevivência da Monarquia Constitucional. Carlos Malheiro Dias, ao jovem rei D. Manuel II: "Há (...) chefes de Estado cuja ação é por tal forma dúbia e subalterna que se dilui e apaga ante a ação preponderante e decisiva dos seus estadistas. Outros há destituídos de talentos que justificam a prerrogativa da realeza e cuja influência não é senão reflexo passivo das predileções, a maior parte das vezes funestas, de seus conselheiros e validos; ou que, por falta de nítida compreensão da sua missão política, comprometem o equilíbrio do regime, divorciando-se da opinião pública e deixando de ser os representantes estáveis das grandes e tradicionais aspirações dos países a cujos destinos presidem pelo acaso feliz do nascimento." Carlos Malheiro Dias enfatiza os "democráticos exemplos" da corte espanhola e mesmo a forma como D. Alfonso XIII se movia no meio do povo, contrastando-a com a "desvairada fuga" de D. Manuel II, rodeado por um esquadrão de cavalaria, pelas ruas de Lisboa, a mando dos seus estadistas. Além disso, Malheiro Dias classifica como "fantasia" a versão de que o encontro de Vila Viçosa teria por objeto "assuntos de amor" e "insinuação matrimonial", posta a circular por alguma imprensa; pelo contrário, segundo ele, a importância do encontro "emanaria apenas da *qualidade* dos conselhos" de "caráter discreto" que D. Alfonso XIII "com a experiência de quase sete anos de realeza, não deixaria de dar, a título de amigo, ao juvenil rei de Portugal", ainda que o próprio soberano de Espanha tenha retorquido que "Um rei não pode, mesmo a título de amigo, aconselhar um rei. (...) Um rei não pode procurar conselheiros fora do seu país. Nem o rei de Portugal precisa dos meus conselhos." (CARLOS MALHEIRO DIAS, "Afonso XIII: um rei que sabe reinar, *Ilustração Portuguesa*, 22 de fevereiro e 1 e 8 de março de 1909, p. 233-245, 259-266, 297-299)

Vila Viçosa foram incorporadas na peça biográfica sobre D. Alfonso XIII. Nesse tempo, ainda era uma prática comum essa mistura de conteúdos de determinadas singularidades em peças cujo assunto era outro, devido à rudimentaridade dos processos de paginação.

A reunião real de Vila Viçosa pode situar-se na interseção entre sociedade e política, tendo sido notícia pela proximidade entre Portugal e Espanha; pela importância que Espanha, maior país da Península Ibérica, tem em Portugal; por envolver duas personalidades de elite, os chefes de ambos os Estados em pessoa; e ainda pelo carácter controverso do evento, aberto à especulação na imprensa²¹.

A cobertura do encontro real ocupou a capa e três páginas do número de 22 de fevereiro de 1909 da *Ilustração Portuguesa*²², a que se têm de acrescentar duas páginas ocupadas pela fotografia central da narrativa (figura 6), que surge na peça dedicada à entrevista de Carlos Malheiro Dias a D. Alfonso XIII, e ainda parte de uma página do número de 1 de março de 1909, onde, igualmente na continuação desta peça, foi publicada a única fotografia realizada por Novais (figura 7).

A peça sobre o encontro real de Vila Viçosa é parca em palavras, mas concreta nos significados para o acontecimento proposto ao leitor: um encontro privado, mas com repercussões políticas, independentemente de alguma imprensa ter alinhado pelo diapasão oficial de que o evento seria restrito à discussão do matrimónio de D. Manuel II, ideias que vão ao encontro daquelas que o diretor da *Ilustração Portuguesa* expressara na matéria contextual sobre D. Alfonso XIII²³:

O carácter de intimidade que os dois governos procuraram fazer respeitar nessa entrevista extra-protocolar não logrou impedir que ao encontro dos dois chefes de Estado da península se atribuíssem motivos de ordem política, relacionados com a crise portuguesa. A versão oficiosa, de que a imprensa se fez incrédula medianeira, reduziu, porém, a simples assuntos de amor o motivo determinante da visita

de Afonso XIII – como se, a dar-se crédito a essa notícia inverosímil, o matrimónio de um rei não fosse uma capital questão política. (...) Segundo as notas fornecidas à imprensa, nas conversas dos soberanos debateu-se o casamento do rei de Portugal com a princesa Beatriz de Saxe-Coburgo Gotta²⁴.

Ainda assim, o redator da *Ilustração Portuguesa*, possivelmente Carlos Malheiro Dias, conjectura que nas conversas entre os dois soberanos "se pronunciaram mais palavras de amizade do que conceitos de política"²⁵.

Uma narrativa é a materialização do ato de narrar, ou seja, de reportar, de relatar. Uma narrativa constrói-se pela apresentação de uma série de eventos conectados, num espaço e tempo específicos e determinados, no qual intervêm personagens que, normalmente, interagem umas com as outras (SOUSA, 2006). Uma narrativa iconográfica, por dedução, obedece aos mesmos parâmetros.

A narrativa iconográfica do encontro real de Vila Viçosa na *Ilustração Portuguesa* é constituída por onze fotografias, dez das quais da autoria de Benoliel e uma de Novais. Benoliel e Novais tiveram acesso ao palácio de Vila Viçosa porque a Casa Real portuguesa teve de permitir que a reunião dos soberanos, ainda que privada e sem a presença de jornalistas redatores, fosse notícia, o que assegurava permitindo o registo de fotografias que documentassem visualmente o encontro real, sem necessidade de prestar mais declarações aos jornalistas do que aquelas que remeteu às redações em comunicados.

Os dados quantitativos documentam que a narrativa iconográfica, exclusivamente fotográfica, da visita real, é constituída por fotografias de retrato, que destacam os personagens da narrativa; por fotografias de ação, nas quais assenta a narrativa propriamente dita e que estabelece, simbolicamente, do início ao fim, a cronologia de eventos que compõem o acontecimento e o seu contexto; e ainda por fotografias de *fait*

²¹ Ver nota 6.

²² "A entrevista em Vila Viçosa", *Ilustração Portuguesa*, 22 de fevereiro de 1909, p. 246-248.

²³ Carlos Malheiro Dias, "Afonso XIII: um rei que sabe reinar", *Ilustração Portuguesa*, 22 de fevereiro e 1 e 8 de março de 1909, p. 233-245, 259-266, 297-299.

²⁴ "A entrevista em Vila Viçosa", *Ilustração Portuguesa*, 22 de fevereiro de 1909, p. 246.

²⁵ "A entrevista em Vila Viçosa", *Ilustração Portuguesa*, 22 de fevereiro de 1909, p. 246.

divers, que, possuindo uma vertente narrativa, acrescentam interesse humano à narração visual do acontecimento.

A reportagem fotográfica tem, assim, três núcleos: seis fotografias de ação, de pendor narrativo, com os instantes centrais do acontecimento (figuras 3, 6, 8 – com três fotos – e 9), que contribuem para a estruturação da narrativa iconográfica e que pesam 54,5% no total de imagens; três fotografias de retrato das personagens do acontecimento (figuras 1, 2 e 4), que permitem ao leitor pausar a leitura da sequência de imagens e deter-se nos protagonistas e que pesam 27,3% no total das imagens; e duas fotografias inusitadas dos *fait divers* (figuras 5 e 7), que, ainda que documentem instantes da ação e tenham uma carga narrativa, emprestam um tom humano à história e aos protagonistas, cujo peso é de 18,2% do total de imagens. A sequência fotográfica da narrativa permite ao leitor observar o desenvolvimento do acontecimento, quase como num filme.

A predominância, na narrativa iconográfica, de fotografias de ação (54,5%), a que se podem somar as fotografias de *fait divers* (18,2%), que também traduzem visualmente instantes de ação, ainda que inusitados e surpreendentes, encontra justificação no facto de estas imagens se incorporarem numa reportagem fotográfica de um acontecimento que se desenvolveu ao longo do tempo (figuras 5, 6, 7 e 8), simbolicamente delimitado pelas figuras 3 (início) e 9 (fim). Os retratos (27,3%), figuras 1, 2 e 4, permitem ao leitor observar com detalhe os protagonistas da ação em curso: os dois soberanos ibéricos.

A narrativa pode, tematicamente, ser classificada por categorias fotográficas: retratos dos soberanos, protagonistas da ação (2 fotografias, 18,2%); retratos dos soberanos com coadjuvantes da ação (1 fotografia, 9,1%); receção e despedida de D. Alfonso XIII (5 fotos, 45,5%); ações conjuntas dos soberanos (1 fotografia, contudo a mais importante e simbólica, 9,1%); *fait divers* – a caçada e o momento incomum em que o rei espanhol examina as botas de um soldado português²⁶ (2

fotos, 18,2%). Esses resultados permitem concluir que os instantes emblemáticos e temporalmente delimitadores do início e do fim da visita real (figuras 3, 8 e 9) foram os mais realçados na narrativa iconográfica sobre o acontecimento que os leitores puderam observar na *Ilustração Portuguesa*. Os fotógrafos também tiveram oportunidades fotográficas para registarem os dois soberanos, nomeadamente para os fotografarem em condições controladas, sozinhos, enquanto protagonistas da ação (figuras 1 e 2), ou rodeados pela sua *entourage* (figura 4), o que favoreceu a sua *auctoritas* simbólica. Igualmente fotografaram os reis em instantes cândidos e intimistas em estes parecem aproximar-se, simbolicamente, do cidadão comum (figuras 5, 6 e 7).

A reportagem fotográfica evoca a chegada "privada" do soberano espanhol a Vila Viçosa, ao volante do seu automóvel, como outros cidadãos, somente acompanhado de dois colaboradores (figura 3), realçando, assim, o carácter particular da visita; retrata as individualidades políticas presentes, designadamente os soberanos (figuras 1, 2 e 4), sendo que os retratos, individuais ou coletivos, realizados em condições controladas, com os indivíduos em pose, celebram o poder e posicionamento social dos soberanos; recorda um instante sensacional – a caçada – do encontro real de Vila Viçosa (figura 7); e realça o momento inusual em que D. Alfonso XIII examina as botas de um soldado português (figura 5).

A fotografia central da narrativa, paginada predominantemente em duas páginas, é, também, incomum, revelando, num plano geral aberto, um instante íntimo de um passeio dos dois soberanos, a sós, pelos jardins do palácio de Vila Viçosa. Trata-se de uma fotografia não posada e não captada em plano frontal (figura 6). O fotógrafo afasta-se, inclusivamente, da cena fotografada, o que acentua, mais uma vez, em termos de simbologia, o carácter privado da visita real.

²⁶ A foto da caçada também poderia ter sido classificada como foto de ação, tendo havido desacordo entre os codificadores sobre a codificação atribuída.

Figura 1 - O encontro de Vila Viçosa entre D. Alfonso XIII e D. Manuel II na capa da *Ilustração Portuguesa*.

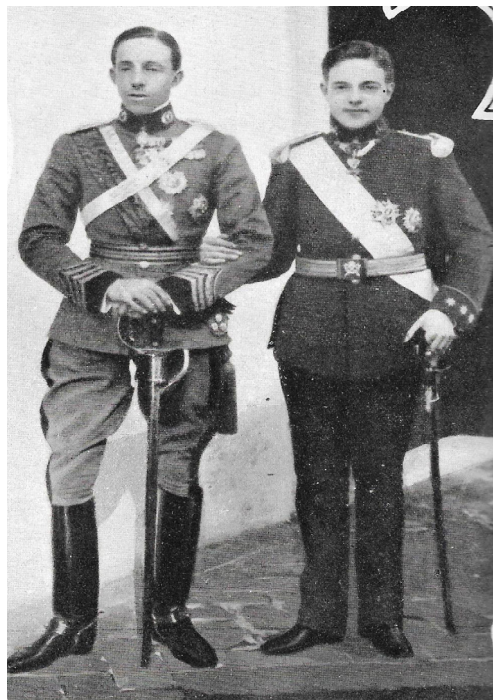
Créditos fotográficos: Joshua Benoliel.



Fonte: *Ilustração Portuguesa*, 22 de fevereiro de 1909.

Figura 2 - O mesmo tema da figura 1 no miolo da fotorreportagem da *Ilustração Portuguesa*.

Créditos fotográficos: Joshua Benoliel.

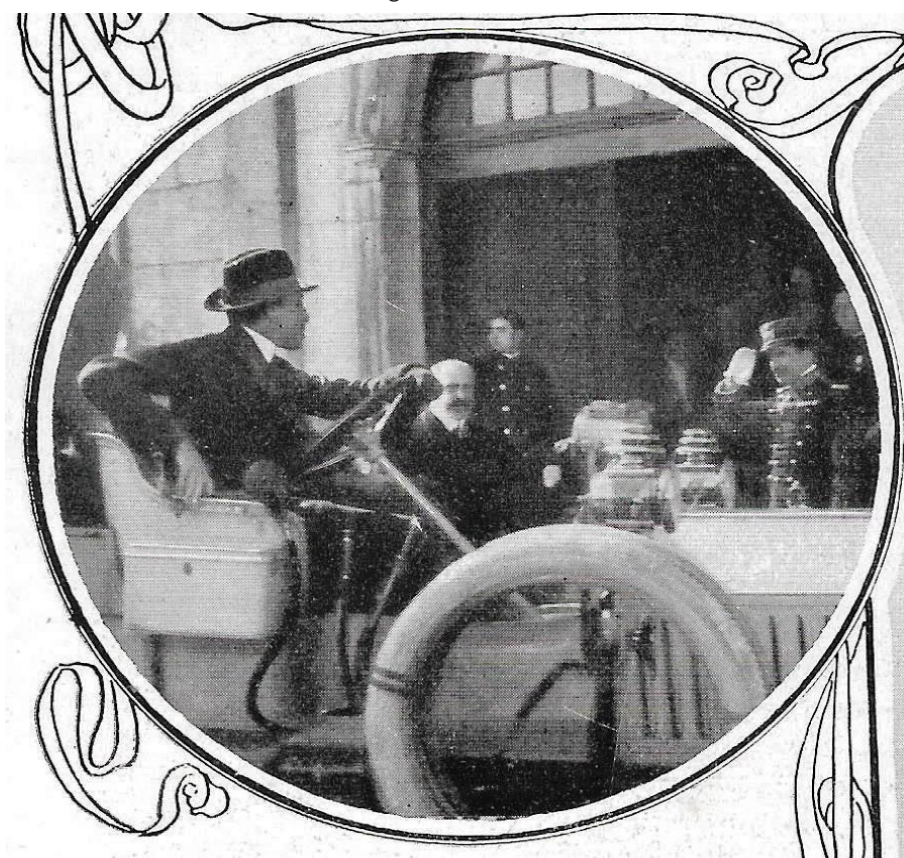


Fonte: *Ilustração Portuguesa*, 22 de fevereiro de 1909, p. 246.

Num exercício hermenêutico sobre os significados que o leitor poderá ter extraído dos dois retratos de corpo inteiro, a sós, dos dois soberanos (figuras 1 e 2), dir-se-á que ambos remetem para ideias de intimidade e amizade solidária, mas também de juventude e elegância formal, entre os jovens reis. No entanto, a representação visual pode sugerir, pelo menos no presente, interpretações de subalternidade do rei português em relação ao monarca espanhol, já que D. Manuel II, além de ser mais baixo e de possuir feições juvenis, coloca, nas duas fotos, o seu braço no do soberano espanhol.

O gesto também pode sugerir, em termos interpretativos, insegurança do monarca português, que parece buscar o apoio firme de D. Alfonso XIII, sendo que o inverso nunca ocorre. Joshua Benoliel, que se limitou, no caso, a fotografar os soberanos ibéricos em "oportunidades fotográficas" por eles concedidas e por eles controladas, não é responsável pelas conotações que sugere esse gesto de D. Manuel II, captado fotograficamente. Talvez D. Manuel II não fosse consciente das interpretações a que o seu gesto de intimidade e amizade para com D. Alfonso XIII pudesse sugerir, para se deixar fotografar assim.

Figura 3 - D. Alfonso XIII chega, ao volante do seu automóvel, a Vila Viçosa. Créditos fotográficos: Joshua Benoliel.



Fonte: *Ilustração Portuguesa*, 22 de fevereiro de 1909, p. 246.

A primeira das fotografias de ação da narrativa regista, num plano de conjunto, propício a quem "espia" a ação como *voyeur*, o instante não protocolar em que, ao volante do seu carro, como qualquer cidadão privado, D. Alfonso XIII chega a Vila Viçosa (figura 3), iniciando a visita real. A

legenda é explícita – "D. Afonso XIII parando o seu automóvel à porta do palácio de Vila Viçosa". O momento captado na imagem fotográfica aproxima, simbolicamente, o soberano espanhol do povo, ainda que somente das elites ibéricas que podiam possuir, à época, um automóvel. Enfatiza,

também, a sua jovialidade, o seu caráter destemido e aventureiro, a sua adesão ao espírito dos tempos, à modernidade e liberdade simbolizadas

pelo automóvel – longe da imagem projetada fotograficamente por D. Manuel II.

Figura 4 - Retrato de grupo dos soberanos e da rainha-mãe acompanhados das suas comitivas. Créditos fotográficos: Joshua Benoiel.



Fonte: *Ilustração Portuguesa*, 22 de fevereiro de 1909, p. 247.

Na narrativa fotográfica não poderia faltar o retrato coletivo, num plano de conjunto, que imortalizava iconograficamente as individualidades, quase exclusivamente masculinas (o poder era *masculino*), presentes no encontro real de Vila Viçosa e testemunhava, pública e visualmente, a sua presença (figura 4). Entre os indivíduos destaca-se, ao centro, devido à sua estatura e pelo seu sorriso rasgado, a rainha-mãe, D. Amélia, que, acompanhada da sua dama de companhia, era a única protagonista feminina detentora de poder de influência e autoridade presente no encontro

real. Os jovens soberanos, à sua esquerda (à direita, na foto), surgem, simbolicamente, em primeiro plano, igualmente sorridentes, tal como as personalidades presentes. Joshua Benoiel teria a nítida perceção de que esta imagem, pelo seu simbolismo, era necessária à narrativa fotográfica, e com a mesma finalidade foi selecionada pelo editor, Carlos Malheiro Dias, para integrar a matéria publicada. Bem-dispostos, os soberanos e os seus próximos pareciam exorcizar os problemas que afetavam a Monarquia e Portugal e mostravam confiança no futuro.

Figura 5 - D. Alfonso XIII inspeciona as botas de um soldado português.
Créditos fotográficos: Joshua Benoliel.



Fonte: *Ilustração Portuguesa*, 22 de fevereiro de 1909, p. 246.

O *interesse humano* não poderia, igualmente, faltar numa reportagem fotorjornalística que visava demonstrar o carácter privado e particular do encontro entre os soberanos ibéricos. Fotografias como a da figura 6 visaram testemunhar, precisamente, a descontração e informalidade que presidiu à reunião. A fotografia em causa, um plano de conjunto que favorece a identificação da cena representada sem ignorar um pouco

do contexto cénico, capta o instante curioso, imprevisto e *humano* em que D. Alfonso XIII se inclina para examinar a bota de um dos soldados portugueses que garantiam a segurança do perímetro do paço ducal de Vila Viçosa. Só a legenda permite, aliás, contextualizar a situação – “D. Afonso XIII examinando o calçado usado pela infantaria portuguesa”.

Figura 6 - Os reis D. Alfonso XIII e D. Manuel II passeiam, descontraídos, em Vila Viçosa.
Créditos: Joshua Benoliel.



Fonte: *Ilustração Portuguesa*, 22 de fevereiro de 1909, pp. 240-241.

A figura 6 – que ocupa duas páginas da *Ilustração Portuguesa* – é aquela que mais adequadamente simboliza o caráter privado do encontro entre os dois jovens soberanos ibéricos e, também, a sua amizade, constituindo, por isso, o vértice da narrativa fotográfica sobre o acontecimento. O enquadramento foi particularmente pensado e trabalhado por Joshua Benoiel: um plano geral aberto localiza o observador; a es-

trada, funcionando como linha de perspectiva, dá profundidade à imagem e, como linha de força, dirige o olhar do leitor para os jovens soberanos, que passeavam e, imagina-se, conversavam; estrategicamente situados, os monarcas, ao longe, constituem o ponto de fuga para o olhar do observador. O afastamento do fotógrafo e a captura fotográfica dos reis de costas acentuam, por sua vez, o caráter particular do encontro real.

Figura 7 - D. Alfonso XIII caça em Vila Viçosa.
Créditos: António Novais [Novaes].

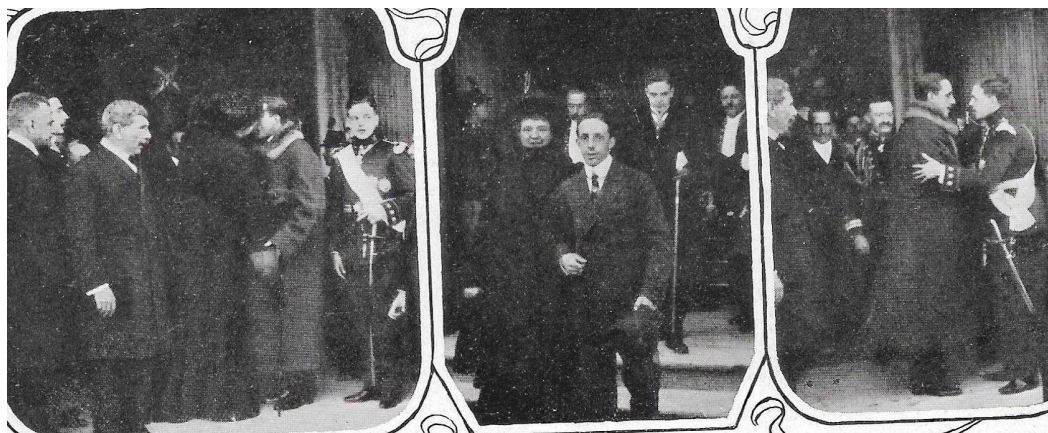


Fonte: *Ilustração Portuguesa*, 1 de março de 1909, p. 264.

A fotografia da caçada de Alfonso XIII em Vila Viçosa, a única da narrativa da autoria de António Novais, que foi fotógrafo oficial da família real portuguesa, empresta alguma sensação à reportagem e populariza o rei espanhol ao aproximá-lo das práticas de muitos cidadãos. No entanto, a fotografia, ainda que facilmente seja identificá-

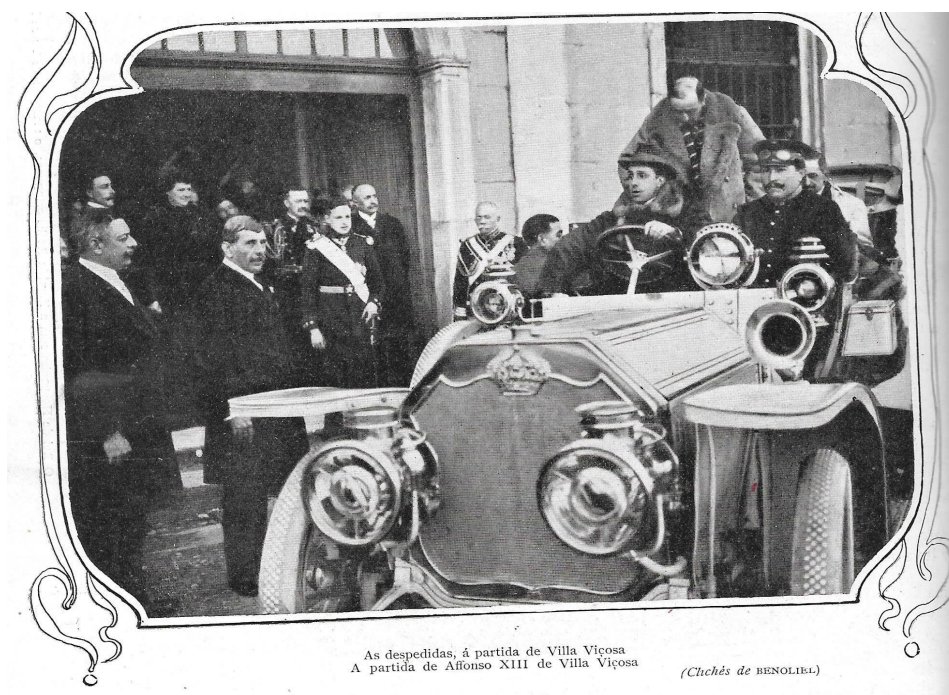
vel como sendo de uma caçada, não permite distinguir as personagens. Torna-se necessária a legenda contextualizadora, que, no processo de geração de sentido próprio do fotojornalismo, permite superar as debilidades ontogénicas da fotografia: "D. Alfonso XIII caçando em Vila Viçosa".

Figura 8 - "Filme" dos cumprimentos de despedida de D. Alfonso XIII.
Créditos: Joshua Benoliel.



Fonte: *Ilustração Portuguesa*, 22 de fevereiro de 1909, p. 248.

Figura 9 - D. Alfonso XIII parte de Vila Viçosa.
Créditos: Joshua Benoliel.



As despedidas, á partida de Villa Viçosa
A partida de Affonso XIII de Villa Viçosa
(Clichés de BENOLIEL)

Fonte: *Ilustração Portuguesa*, 22 de fevereiro de 1909, p. 248.

As fotografias da partida de D. Alfonso XIII de Vila Viçosa (figuras 8 e 9) encerram a narrativa e delimitam, a jusante, o acontecimento. Demonstram cordialidade, afeição e amizade entre os reis ibéricos e coroam os esforços para demonstrar visualmente a natureza privada, pouco formal e não protocolar do encontro real. Mais uma vez, D. Alfonso XIII, ao volante do seu veículo (ainda que,

ao lado, pareça estar um motorista), transmite a ideia de um monarca jovem, descomplicado e sintonizado com o seu tempo. D. Manuel II, a rainha-mãe e as restantes personalidades portuguesas, a certo momento, parecem figurantes numa coreografia da qual o rei espanhol é o ator central.

Com base nas análises apresentadas, ressal-

tam-se alguns aspetos, nomeadamente:

1. Ao longo da reportagem assiste-se à subordinação do texto verbal à fotografia, de acordo com a linha editorial da *Ilustração Portuguesa*.
2. Abundam os planos de conjunto e de corpo inteiro. Na verdade, as máquinas fotográficas não dispunham de objetivas de grande distância focal (teleobjetivas) e muito menos de *zoom*. A tecnologia disponível limitava o produto fotográfico. Daí a predominância desses enquadramentos.
3. Devido às debilidades quer do aparato ótico das máquinas fotográficas, quer dos equipamentos e técnicas de impressão, algumas fotografias tinham de ser retocadas – o rosto da personalidade mais à esquerda no retrato coletivo dos dois monarcas, família real e dignitários – foi retocado (figura 4).
4. A moldura que rodeia as fotografias é uma afirmação simbólica da importância artística da imagem fotográfica, que disputava às gravuras a supremacia nas revistas ilustradas. As gravuras eram, facilmente, conotadas com a arte; as fotografias, não. Daí o reforço simbólico da equiparação da fotografia à arte, por meio das molduras desenhadas, que remetem para o universo da pintura, conforme Sousa (2000) tinha já notado.
5. A reportagem surpreende pelo tom intimista das fotografias. O fotógrafo português Joshua Benoliel foi um dos expoentes da alvorada da fotografia cândida – isto é, não posada, não protocolar – em Portugal. A exemplo que sucedeu com o mais famoso Erich Salomon, também Benoliel, ainda que à escala doméstica, acedia com facilidade aos bastidores da política para fotografar os poderosos e as elites nos momentos em que estes despiam a máscara da formalidade e do poder.

Conclusões

A presente investigação propôs-se realizar um exercício hermenêutico sobre a narrativa

iconográfica que a revista semanal *Ilustração Portuguesa* construiu do encontro real entre D. Manuel II e D. Alfonso XIII em Vila Viçosa, ocorrido em fevereiro de 1909, e tentar intuir qual seria o conceito de reportagem fotográfica à época.

A evidência produzida pelos dados recolhidos permite afirmar, desde logo, que o encontro real foi notícia. E foi notícia certamente porque foi encarado como uma singularidade notável, definida no tempo e no espaço, que combina valores-notícia como a referência a pessoas de elite e a proximidade. A visita régia constituiu, portanto, para os portugueses coevos, um tema notável, relevante e noticiável.

Uma segunda evidência trazida pelos dados é a comprovação de que os fotojornalistas tinham acesso aos palcos privados onde se moviam as personagens do mundo político e social. Inversamente aos jornalistas profissionais da palavra, fotojornalistas escolhidos tiveram efetivo ingresso ao paço ducal de Vila Viçosa para fotografarem o encontro dos reis ibéricos. O poder encena-se e as casas reais certamente contavam com a fotografia para, por meio da imprensa, que já se encontrava industrializada e massificada, dar uma perspetiva positiva do encontro real e de ambos os soberanos e saciar a curiosidade pública sobre um evento privado, acerca do qual a imprensa especulava e discutia. Inclusivamente, na *Ilustração Portuguesa*, o que confirma a segunda hipótese, a reportagem surpreende pelo tom cândido e intimista das fotos, que concorre para reforçar a noção de privacidade que rodeou o acontecimento.

O texto verbal, contudo, nem sempre acompanha a narrativa iconográfica. Por um lado, algumas fotografias do acontecimento foram publicadas numa peça de contexto (ainda era comum, ao tempo, publicarem-se as imagens desfasadas do texto a que se referiam) e não numa peça sobre o acontecimento. Por outro lado, nem sempre as palavras confluíram com as imagens para a geração de sentido. É de notar que se as imagens dão uma imagem positiva do rei português, o texto verbal, ainda que escrito, curiosamente, por um jornalista monárquico, Carlos Malheiro

Dias, destaca, em certas passagens, a juventude e imaturidade do soberano. Por isso, a primeira hipótese colocada só pode ser aceite parcialmente. Já a terceira hipótese pode ser aceite, já que a cobertura se centrou nos chefes dos Estados ibéricos. Foram eles a garantir, em primeiro lugar, a notabilidade e noticiabilidade do acontecimento e a permitir que a cobertura, ao centrar-se neles, fosse personalizada, aumentando o interesse humano da reportagem.

Colateralmente, outras personagens conferiram, pela sua presença, importância simbólica aos protagonistas e ao próprio evento. Daí a importância dos retratos, que se juntam às fotografias de *fait-divers* e às fotografias de ação para comporem um texto visual multifacetado, como é próprio da reportagem fotográfica contemporânea, ainda que ancorado à cronologia do encontro real. São notórios, nomeadamente, os esforços para assinalar o início e o fim do acontecimento, fazendo coincidir estes momentos com a chegada e a partida de D. Alfonso XIII. Caso se atentasse somente nas fotografias que compõem a narrativa, e não no espaço onde foram paginadas, a reportagem de Benoliel de 1909 teria um tom bastante atual, pese embora a omnipresença de planos de conjunto, consequência das limitações técnicas da fotografia ao tempo. As câmaras, além de grandes e pesadas, não possuíam lentes de grande distância focal (teleobjetivas), nem *zoom*, nem controlos simples de focagem, abertura do diafragma e velocidade de disparo. Cada enquadramento tinha de ser bem pensado e os fotógrafos tinham de ser ágeis para se posicionarem no local certo, à distância correta, considerando a luz existente, algo significativamente dificultado não apenas pelo tamanho e peso das câmaras e pela inexistência de dispositivos de controlo de fácil operação, mas também pelo frágil suporte utilizado para as fotos: placas de vidro, de gelatino-brometo, de formato 9×12 cm.

De qualquer modo, ao desenvolver-se num espaço privado e ao evidenciar indivíduos e instantes, alguns deles peculiares e curiosos, a narrativa iconográfica sobre o encontro dos reis

em Vila Viçosa ganhou interesse humano. Aliás, as histórias jornalísticas centram-se, normalmente, em pessoas e nas suas ações na sociedade, para terem sucesso junto dos recetores – as audiências, os *narratários*, tomam parte do processo jornalístico, quer porque atribuem sentido e dão significado às mensagens jornalísticas, quer porque influenciam as linhas e escolhas editoriais. A fotografia dos dois soberanos caminhando pelos jardins de Vila Viçosa é, nesse contexto, o ápice da narrativa fotográfica do acontecimento e simboliza, apropriadamente, a natureza particular e íntima do encontro. Joshua Benoliel criou um quadro particularmente pensado e trabalhado ao qual a *Ilustração Portuguesa*, pela mão do editor, Carlos Malheiro Dias, soube dar a máxima importância publicando-o em página dupla, transmitindo assim ao leitor a privacidade da visita e a amizade e cumplicidade entre os dois jovens reis.

Uma fotografia de *fait divers* que mostra uma ação pouco convencional e surpreendente do rei espanhol (observar as botas de um soldado português), bem como as fotos da sua chegada e partida ao volante, transformam-no, simbolicamente, num modelo moderno e seguro de soberano a ser seguido pelo jovem D. Manuel II. Assim, embora o encontro de Vila Viçosa tenha reunido os dois soberanos da Península Ibérica, o destaque iconográfico acabou por ser dado ao visitante, D. Alfonso XIII.

Fica igualmente clara a construção pela revista *Ilustração Portuguesa* de uma visualidade civil, burguesa e moderna da Monarquia, que contribuía para dissociar, simbolicamente, este regime político da imagem arcaica e ultrapassada, em descompasso com o presente, com que os republicanos o procuravam conotar.

Finalmente, no campo do *design*, deve registar-se que a moldura que envolve as fotografias é uma declaração simbólica da importância artística da imagem fotográfica, que competia com as gravuras pela supremacia nas revistas ilustradas. As gravuras eram facilmente conotadas com arte; as fotografias não. Daí o reforço simbólico da equiparação da fotografia com a arte, por meio

das molduras desenhadas, que remetiam o leitor para o universo da pintura, cujo valor como *arte* seria considerado superior ao da fotografia.

Referências bibliográficas

Fontes impressas

- A Luta*, Lisboa, 11 de fevereiro de 1909.
- A Luta*, Lisboa, 12 de fevereiro de 1909.
- A Luta*, Lisboa, 13 de fevereiro de 1909.
- A Vanguarda*, Lisboa, 12 de fevereiro de 1909.
- Diário Ilustrado*, Lisboa, 12 de fevereiro de 1909.
- Ilustração Portuguesa*, Lisboa, 13 de julho de 1908.
- Ilustração Portuguesa*, Lisboa, 22 de fevereiro de 1909.
- Ilustração Portuguesa*, Lisboa, 1 de março de 1909.
- Ilustração Portuguesa*, Lisboa, 8 de março de 1909.
- Jornal do Comércio*, Lisboa, 11 de fevereiro de 1909.
- Novidades*, Lisboa, 10 de fevereiro de 1909.
- Madrid Nuevo Mundo*, Madrid, 8 de fevereiro de 1909.
- O Mundo*, Lisboa, 11 de fevereiro de 1909.
- O Mundo*, Lisboa, 11 de fevereiro de 1909.
- O Mundo*, Lisboa, 12 de fevereiro de 1909.
- O Século*, Lisboa, 12 de fevereiro de 1909.
- O Século*, Lisboa, 15 de fevereiro de 1909.

Referências

- ALMEIDA, J. M. D. *Manuel II: A biografia do último rei de Portugal*. Manuscrito Editora, 2022.
- DUPRAT, V. *A amante do rei e outras histórias de D. Manuel II: Amores e desamores do último rei de Portugal*. Oficina do Livro, 2012.
- FERNANDES, L. R. R. *Maçonaria e implantação da República*. 264 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Aveiro, Aveiro, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10773/2811>. Acesso em: 23 fev. 2024.
- FILHO, A. G. *O segredo da pirâmide: Para uma teoria marxista do jornalismo*. Florianópolis: Insular, 2012.
- GALTUNG, J.; RUGE, M. H. The structure of foreign news: The presentation of the Congo, Cuba and Cyprus crises in four Norwegian newspapers. *Journal of Peace Research*, 2, v. 1, p. 64-90, 1965. Disponível em: <https://doi.org/10.1177%2F002234336500200104>. Acesso em: 23 fev. 2024.
- GOLDING, P.; ELLIOTT P. News values and news production, In: P. MARRIS; S. THORNHAM (Ed.), *Media studies: a reader*. p. 635-647. Edinburgh University Press, 1988.

LIMA, H. *A imprensa portuguesa e os desafios da modernização*. Lisboa: Livros Horizonte & Centro de Investigação Media e Jornalismo, 2012.

LIMA, H. Continuidade e inovação na imprensa portuguesa de finais do século XIX: a emergência do jornalismo noticioso. In: CABRERA, A.; LIMA, H. (Coord.). *Imprensa em Portugal: uma história*. Lisboa: Livros ICNOVA, 2022, p. 168-187. Disponível em: <https://coleccionicnova.fcsh.unl.pt/index.php/icnova/article/view/113>. Acesso em: 24 fev. 2024.

MARQUES, A. H. O. *História de Portugal*. Vol. III. Lisboa: Ágora, 1973.

MARQUES, A. H. O. *Breve história de Portugal*. Lisboa: Presença, 1995.

MARTINS, R. Prefácio. In: *Arquivo gráfico da vida portuguesa 1903-1918* [coleção em fascículos de fotografias de Joshua Benoliel]. Lisboa: Bertrand, 1933.

MATOS, Â. C. A Imprensa na I República Portuguesa: constantes e linhas de força (1910-1926). In: SOUSA, J. P.; LIMA, H.; HOHLFELDT, A.; BARBOSA, M. (Eds.). *Uma história da imprensa lusófona*. Portugal. Media XXI, v. II, 2017, p. 233-312.

MATOS, Â. C.; MOREIRA, N. B. A Imprensa Periódica na I República Portuguesa (1910-1926): novos contributos para a sua história. In: CABRERA, A.; LIMA, H. (Coord.). *Imprensa em Portugal: uma história*. Lisboa: Livros ICNOVA, 2022, p. 188-270. Disponível em: <https://coleccionicnova.fcsh.unl.pt/index.php/icnova/article/view/114/123>. Acesso em: 13 fev. 2024.

NUNES, T. Alfonso XIII em Portugal (12 a 15 de Fevereiro). A visita real a Vila Viçosa e o seu impacto. *Revista de Estudios Extremeños*, v. LXII, n. 3, p. 1059-1082, 2006. Disponível em: <https://bityli.com/kTCvMxXY>. Acesso em: 23 fev. 2024.

NUNES, T. *Carlos Malheiro Dias: Um monárquico entre dois regimes*. Lisboa: Caleidoscópio, 2009.

NUNES, T. Alfonso XIII e Manuel II: as duas faces da mesma moeda no discurso republicano português (1908-1910). *Pasado y Memoria. Revista de Historia Contemporánea*, v. 18, p. 87-111, 2019a. Disponível em: <https://doi.org/10.14198/PASADO2019.18.05>. Acesso em: 15 mar. 2024.

NUNES, T. Representações da Monarquia Constitucional no espaço público português (1880-1910). *Historia Constitucional*, v. 20, p. 141-170, 2019b. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17811/hc.v0i20.591>. Acesso em: 23 fev. 2024.

OLIVEIRA, G. B. V. *Flashes do passado: o fotojornalismo como fonte histórica*. *Revista Eletrônica de História do Brasil*, v. [1], n. [2], 1997. Disponível em: https://www.academia.edu/4020896/FLASHES_DO_PASSADO_o_fotojornalismo_como_fonte_historica. Acesso em: 07 fev. 2024.

PROENÇA, C.; Manique, A. P. *Ilustração Portuguesa*. Lisboa: Alfa, 1990.

RAMOS, R. *A segunda fundação: História de Portugal*, v. 6, dir. José Mattoso. Lisboa: Estampa, 2001.

RAMOS, R. D. *Carlos, 1863-1908*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2005.

RAMOS, R. (Coord.); SOUSA, B. V.; MONTEIRO, N. G. *História de Portugal*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2009.

RODRIGUES, A. D. O acontecimento. *Revista de Comunicação e Linguagens*, n. 8, p. 9-16, 1988.

SANTOS, R. Jornalismo português em finais do século XIX. Da identificação partidária à liberdade de reportar. *Media & Journalism*, n. 6, p. 83-94, 2005.

SARDICA, J. M. Poderes políticos e liberdade de expressão no século XIX. Censuras à imprensa durante a Monarquia. *História*, n. 23, p. 28-37, 2000.

SARDICA, J. M. O jornalismo e a *Intelligentsia* portuguesa nos finais da Monarquia Constitucional. *Comunicação & Cultura*, n. 7, p. 17-38, 2009. Disponível em: <https://revistas.ucp.pt/index.php/comunicacaoecultura/article/view/473> | <https://doi.org/10.34632/comunicacaoecultura.2009.473>. Acesso em: 13 fev. 2024.

SARDICA, J. M. *Da Monarquia à República*. Lisboa: Alêtheia Editores, 2011.

SARDICA, J. M. O poder visível: D. Carlos, a imprensa e a opinião pública no final da Monarquia Constitucional. *Análise Social*, v. XLVII-2.º, n. 203, p. 344-368, 2012. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1341933211N8jUA9pk3Cj10SO1.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2024.

SERÉN, M. C. Ilustração Portuguesa. In: *Ilustração Portuguesa*. Porto: Centro Português de Fotografia/Ministério da Cultura, 2004, p. 68-119.

SERRÃO, J. V. *História de Portugal*. Vol. XI. Lisboa: Verbo, 2003.

SOUSA, J. P. *Uma história crítica do fotojornalismo ocidental*. Florianópolis: Letras Contemporâneas & Argos/UNOESC, 2000.

SOUSA, J. P. *Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e dos media*. 2ª edição revista e aumentada. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2006.

SOUSA, J. P. *Veja! Nas Origens do Jornalismo Iconográfico em Portugal*: um contributo para uma história das revistas ilustradas portuguesas (1835-1914). Porto: Media XXI, 2017.

SOUSA, J. P. *Para uma história do jornalismo iconográfico em Portugal*: Das Origens a 1926. Lisboa: Livros ICNOVA, 2020. Disponível em: <https://colecaoicnova.fcsh.unl.pt/index.php/icnova/issue/view/6>. Acesso em: 15 fev. 2024.

SOUSA, J. P. *Portugal. Pequena história de um grande jornalismo I*. Da manufatura à indústria. Lisboa: Livros ICNOVA, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.34619/hyc1-qblv>. Acesso em: 15 fev. 2024.

TRAQUINA, N. *Jornalismo*. Lisboa: Quimera, 2002.

VIEIRA, J. *Joshua Benoliel*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2009.

WIMMER, R. D.; DOMINICK, J. R. *La investigación científica de los medios de comunicación. Una introducción a sus métodos*. Barcelona: Bosch, 1996.

WOLF, M. *Teorias da Comunicação*. Lisboa: Presença, 1987.

Jorge Pedro Sousa

Antigo jornalista, professor catedrático na Universidade Fernando Pessoa - UFP (Porto, Portugal) e investigador integrado no ICNOVA - Instituto de Comunicação da NOVA (Lisboa, Portugal). Coordena o doutoramento em Ciências da Comunicação na UFP. Coordenou o ramo de Jornalismo e Estudos Mediáticos do doutoramento em Ciências da Informação na UFP e a licenciatura em Ciências da Comunicação na mesma instituição. Investiga na área dos Estudos de Jornalismo, com enfoque na história do jornalismo, na análise histórico-cultural do discurso jornalístico e no fotojornalismo. Liderou três projetos de investigação com financiamento público obtido em concurso competitivo e três projetos de investigação com financiamento privado competitivo.

Celiana Azevedo

Doutorada em Ciências da Comunicação pela Universidade NOVA de Lisboa (2018) e licenciada em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal do Tocantins. É Professora Auxiliar no Instituto Politécnico de Setúbal (ESE-IPS), investigadora integrada do Instituto de Comunicação da Universidade Nova de Lisboa - ICNOVA e membro da Sociedade Portuguesa de Ciências da Comunicação - SOPCOM. Já participou em diversos projetos nas áreas das Ciências Sociais com ênfase em Ciências da Comunicação e as suas áreas de interesse são, sobretudo, tecnologias de informação e comunicação, audiências, solidariedade intergeracional, gerações, gerontologia e história do jornalismo.

Endereço para correspondência

JORGE PEDRO SOUSA

Universidade Fernando Pessoa

Cacifo 85 | Gabinete CEC2

Praça 9 de Abril, 349, 4249-004 Porto Portugal

Cidade do Porto, Douro Litoral, Portugal

CELIANA AZEVEDO

Instituto Politécnico de Setúbal, Escola Superior de Educação

Campus do Instituto Politécnico de Setúbal

Estefanilha 2914-504 Setúbal Portuga

Os textos deste artigo foram revisados pela Mais H Consultoria Linguística Internacional e submetidos para validação dos autores antes da publicação.